



NOVO OLHAR DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO DE ALIMENTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE HORTA URBANA NO LAR DOS IDOSOS E SEGURANÇA ALIMENTAR

NEW LOOK AT FOOD PRODUCTION AND CONSUMPTION: AN URBAN HORTICULTURE EXPERIENCE AT THE MIDDLE EAST AND FOOD SAFETY

NUEVO MIRADA DE LA PRODUCCIÓN Y DEL CONSUMO DE ALIMENTOS: UNA EXPERIENCIA DE HORTA URBANA EN EL LADO DE LOS EDOSOS Y SEGURIDAD ALIMENTARIA

Maria Lúcia da Silva Sodré

Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB - Campus Cruz das Almas
Grupo de Pesquisa: Desenvolvimento da Agricultura Familiar e da Agroecologia –
DAGAF/UFRB

E-mail: mlsodre@yahoo.com.br; mlsodre@ufrb.edu.br

Ubirani Oliveira Santos

Graduando Agronomia - Bolsista PIBEX/PROEXT
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB - Campus Cruz das Almas
E-mail: ubiranio@yahoo.com.br

Altemar S. Dias

Tecnólogo em Agroecologia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB - Campus Cruz das Almas
E-mail altemar.s.dias@gmail.com

RESUMO:

O objetivo aqui proposto foi demonstrar a experiência da produção e consumo de hortaliças no lar dos idosos localizado em Cruz das Almas, BA. Metodologicamente, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, com entrevistas semiestruturadas. Anterior a este processo foi construída a horta. Os principais resultados apontaram que os alimentos produzidos além de representar acesso ao consumo de alimentos livres de agroquímicos, que proporcionou segurança alimentar e nutricional, retrataram ainda histórias de vidas dos internos, as lembranças familiares, à memória de um tempo que desenvolvia atividades no campo. E assim, com fortes referências da sua identidade, muitas das quais, pautadas em questões subjetivas e simbólicas, aproveitando sua bagagem cultural no território urbano.

Palavras-chave: referências identitárias, terceira idade, produção agroecológica.

ABSTRACT:

The objective here was to demonstrate the experience of the production and consumption of vegetables in the home of the elderly located in Cruz das Almas, BA. Methodologically, a field research was developed, with semi-structured interviews. Prior to this process the vegetable garden was built. The main results pointed out that the food produced besides representing access to the consumption of food free of agrochemicals, which provided food and nutritional security, also portrayed histories of the inmates' lives, the familiar memories, the memory of a time that developed activities in the field. And so, with strong references of their identity, many of them, based on subjective and symbolic issues, taking advantage of their cultural baggage in the urban territory.

Keywords: identity references, third age, agroecological production.

RESUMEN:

El objetivo aquí propuesto fue demostrar la experiencia de la producción y consumo de hortalizas en el hogar de los ancianos ubicado en Cruz das Almas, BA. Metodológicamente, se desarrolló una investigación de campo, con entrevistas semiestructuradas. Anterior a este proceso se construyó la huerta. Los principales resultados apuntaron que los alimentos producidos además de representar acceso al consumo de alimentos libres de agroquímicos, que proporcionó seguridad alimentaria y nutricional, retractaron aún historias de vidas de los internos, los recuerdos familiares, a la memoria de un tiempo que desarrollaba actividades en el campo. Es así con fuertes referencias de su identidad, muchas de las cuales, pautadas en cuestiones subjetivas y simbólicas, aprovechando su bagaje cultural en el territorio urbano.

Palabras clave: referencias identitárias, terceira edad, produção agroecológica.

1 INTRODUÇÃO

É notório que a alimentação representa um dos elementos fundamentais de identidade cultural a partir do qual é possível analisar os costumes e os hábitos estabelecidos pelas pessoas. Menezes (2013) referindo-se a esta temática ressalta ainda que, a busca pela preservação dos alimentos, através do seu consumo, daqueles que estão “fora do seu território”, é estabelecida de forma incessante no sentido de aproximar-se deste, e nesse contexto, *ao alimentar o corpo, alimentam também a alma* vislumbrando manter sua identidade.

Entende-se que os hábitos alimentares de uma pessoa se deslocam com as pessoas e se reconfiguram através das novas relações que são estabelecidas. E neste cenário de construção, afirmação e reconstrução das identidades, a comida, enquanto elemento cultural pode se configurar em marcadores indeníários (MACIEL, 2005).

Nesse contexto, acredita-se que a relação entre produção e o consumo de horta urbana tem espaço garantido para reconstrução e manutenção identitária dos internos em um lar dos idosos, associados aos modos de vida dos idosos aproveitando sua bagagem cultural e simbólica neste território urbano. Território aqui é definido como espaço apropriado e lugar de relações sociais e de ação, assim como de poder e de identidade do lugar, da convivência e da vivência como referência do dia a dia dos sujeitos sociais.

Assim, o território passa a ser compreendido como espaço de conhecimento vivo, compartilhado e conectável, que Milton Santos (2007, p.13) defende como “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas”.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho teve como objetivo demonstrar a experiência da produção e consumo de hortaliças no lar dos idosos, e assim, traçar uma reflexão sobre tal experiência da produção dos alimentos, especificamente, das hortaliças. O lar dos idosos está localizado em Cruz das Almas, BA. Tal experiência buscou relacionar à identidade dos internos do lar, das memórias, seja na valorização destes alimentos, no envolvimento dos mesmos neste

território urbano, e, a partir do alimento como valor não só pelo ato de consumir que é necessário para sua segurança alimentar e nutricional, mas, também como valor cultural e simbólico que estes possam representar, ou seja, como alimentos indenitários nos espaços urbanos.

2 IDENTIDADE CULTURAL E HÁBITOS ALIMENTARES: TRILHAS DAS DINÂMICAS TERRITORIAIS

Compreende-se que o ato da produção e do consumo dentro do mesmo espaço possa fortalecer laços e as dinâmicas territoriais representadas pela interação entre o local – o território urbano da horta e os produtos nela produzidos, mas, sobretudo, pelos envolvidos no processo interno, funcionários e universidade. Esta experiência exigiu uma nova postura do professor-pesquisador e de toda equipe envolvida, em espaços de discussão com novo olhar, sobre as diferentes formas de modos de vida e de apropriação do espaço ali envolvidos.

Nessa direção, foi discutido o papel da pesquisa e do ensino e da ação de extensão a partir de novas metodologias e da valorização desta temática como objeto de estudo, entendendo que este espaço é rico de significados, sobretudo para os que ali residem e, que tem relações diretas com a história de vida e a história de construção do espaço e apropriação dele através da produção das hortaliças. Compreendendo, de acordo com Raffestin (1993) que, a territorialidade refere-se a um conjunto de relações que tem origem em um sistema tridimensional envolvendo sociedade-espaço-tempo.

Daí é salutar conhecer qual a importância sociocultural e simbólica da produção e do consumo de hortaliças neste espaço enquanto resgate da identidade dos internos no sentido de preservação do alimento de origem rural nos espaços urbanos. E assim, pensar a valorização de temáticas como a que está sendo apresentados neste estudo que envolve aspectos da segurança alimentar, dos alimentos tradicionais, mas, também à valorização de personagens vivos, como os idosos que participaram desta ação, se fazem necessárias novas discussões no meio acadêmico.

Frente a esta questão, a proposta aqui apresentada teve o intuito de, “implantar e manter uma horta no Lar dos Idosos, visando uma reflexão sobre a experiência da produção dos alimentos, especificamente as hortaliças no lar dos idosos, relacionando com a identidade dos internos do lar, das memórias, seja na valorização destes alimentos, no envolvimento dos mesmos neste território urbano, e, a partir dos alimentos como valor não só pelo ato de consumir necessário para sua segurança alimentar e nutricional, mas, também como valor cultural e simbólico que estes possam representar.



E assim, buscar despertar nos moradores do Lar dos Idosos, o incentivo a integração social a partir das atividades da horta, como função terapêutica, associado ao consumo de alimentos saudáveis, associada à partilha deste alimento como questão social, somada a atividade lúdica de produzir, de manter, de colher, ou apenas de observar.

Vale considerar que, ao envelhecer, ao se aposentar, a falta de atividades sociais e laborais, ou o fato de não mais precisar cuidar dos filhos, sobretudo para as mulheres, em nossa sociedade pode conduzir a um sentimento de desvalorização, de angústia, causando um vazio, o que pode levar a casos depressivos. Neste sentido, formas de compensações que podem ser através de uma nova atividade podem vir a possibilitar à pessoa um sentido novo de produção e de utilidade.

Simone de Beauvoir, 1990 (*apud* SANTOS; VAZ, 2008, p. 335) “considera que para se defender de uma inércia em todos os sentidos nefasta, é necessário que o idoso conserve atividades; seja qual for a natureza dessas atividades, elas trazem uma melhoria ao conjunto de suas funções”.

E assim, compreende-se que “a velhice, sobre muitos aspectos, pode representa uma fase da vida marcada por vários estereótipos, e que podem resultar em solidão e isolamento social, que muito afeta o seu bem-estar, que por sua vez, pode possibilitar estados depressivos afetando o seu desempenho físico e seu estado psicológico” (SANTOS; VAZ, 2008, p. 336).

Por outro lado, estudos apontam que, o homem em contato com a natureza, sobretudo na atividade de produção, e neste caso, de alimentos com resgate de suas histórias de vida e assim entendidos com valor simbólico e cultural, pode ter benefícios em vários sentidos, tanto biológicos quanto socioculturais, através do envolvimento com atividades práticas com a exercitação do corpo, a busca por despertar a imaginação, mas, sobretudo, com o contato social e o envolvimento através das relações interpessoais, que podem ser promotoras de efeitos terapêuticos (RIGOTTI, 2007).

E, assim, promover atividades ocupacionais para os idosos como a atividade de produção de uma horta enquanto atividade prazerosa que possa reforçar o aspecto de segurança alimentar, manutenção de hábitos alimentares saudáveis e sociais, relações socioculturais, sua socialização. Além disso, representa ainda o contato com a natureza em atividades que envolveram o corpo, a mente, o comportamento, as relações sociais, é de grande relevância para a vida destes idosos, sobretudo, porque estas atividades visam, dentre outros aspectos, o resgate de práticas e hábitos tradicionais, muitos dos quais, foram perdidos com o tempo. Daí a necessidade desta atividade como estratégia de fortalecer a identidade cultural e hábitos alimentares, mas também o de resgatar memórias, ações e práticas integrativas.

Ao definir hábitos alimentares, Dultra (2001) afirma que, este se refere ao tipo de escolha e do consumo de alimentos por determinado pessoa ou grupo de pessoas, que tem influências diretas

das questões fisiológicas, psicológicas e socioculturais. E assim, para o autor o significado de comer é mais que ingerir um alimento, representa, sobretudo, as relações que envolvem as pessoas no ato de comer.

Da Matta (1984) traz a sua contribuição nesta questão e defende que *nem tudo que é alimento é comida*, ao afirmar que o alimento pode ser definido como o que mantém uma pessoa viva a partir da sua ingestão, por outro lado, a comida representa tudo que se come com prazer, e neste contexto, para o autor, a comida representa o alimento incorporado em uma cultura. A este respeito, ressalta o autor:

Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere (DA MATTA, 1986, p. 56).

Como salienta Maciel (2001) a alimentação do homem pode ser entendida como um ato cultural, e nesse sentido, pode pensá-la como um “sistema simbólico” em que diversos códigos sociais se fazem presentes que refletem nas relações entre os homens e entre ele e a natureza.

Por entender que a Universidade não pode manter-se isolada em relação às questões da sociedade em geral, mas, ao contrário, ela precisa buscar promover profissionais conscientes de suas responsabilidades, empreendedores de projetos de múltiplas dimensões (sociais, políticos, produtivos, tecnológicos, econômicos, ambientais, culturais, comportamentais, ético e humanístico), seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão, portanto, o caráter interdisciplinar de uma ação se apresenta com inúmeras possibilidades de estender para a sociedade conhecimentos adquiridos.

Estes conhecimentos podem e devem ser complementados e validados com ações diretas na sociedade, como uma prática indissociável. E assim, buscou-se a partir desta concepção a transformação do espaço do lar dos idosos em espaço também de produção, proporcionando aos internos a participação nos processos de produção do plantio das hortaliças, da colheita, e, sobretudo, do consumo, com atividades prazerosas, resgate de suas memórias identitárias, a partir de uma visão interdisciplinar.

3 TRILHAS METODOLÓGICAS

Metodologicamente a ação aqui apresentada foi desenvolvida no Lar dos Idosos, localizado em Cruz das Almas, Bahia. Foi realizada uma pesquisa de campo, e o trabalho se iniciou com uma primeira visita à Instituição com toda a equipe do projeto para uma conversa informal com a



administração, funcionários, e realizar um primeiro contato com os moradores internos para apresentação oficial do projeto da horta.

Esta visita foi importante também para o conhecimento mais detalhado do ambiente físico, e dos dados que permitam diagnosticar as características de infraestrutura do local como o tamanho, as condições de acesso à água, os insumos disponíveis no local para produção da horta, uma análise sobre os tipos de hortaliças mais propícias às condições locais, assim como, uma breve conversa, para identificar os gostos dos internos (os idosos) quanto às hortaliças.

Posteriormente, visitas mais sistematizadas foram realizadas, com o objetivo também de conhecer as histórias de vida de alguns dos internos do lar através de uma conversa informal. Este momento também teve como objetivo conhecer o perfil deles, suas preferências, os seus hábitos alimentares, suas experiências com hortas e plantas de modo geral, e, resgate de suas memórias, ao longo de suas vidas.

Paralelo, buscou-se na teoria existente atualização da revisão de literatura sobre assuntos vinculados a temática em questão. Foi realizada também posteriormente uma pesquisa de campo para coleta das informações com a administração e funcionários que manipulam e preparam os alimentos, assim como, com os internos do Lar. O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada. No total foram entrevistados 4 internos e 3 funcionários. Os registros fotográficos também foram usados para fotografar o ambiente, as pessoas e a ação de extensão. Dentre as técnicas de pesquisa de campo foram utilizadas também as conversas informais para ouvir os moradores e os funcionários da Instituição.

Posterior à etapa colocada acima foi realizada reuniões da equipe para listar as ações e realizar um planejamento necessário para a confecção da horta, discutindo quais insumos seriam essenciais para iniciar o projeto e em quais quantidades, como adubo, utensílios, equipamentos, incluiu também a quantidade de garrafas PET que foram necessárias para as hortas verticais, assim como, os tipos de hortaliças que seriam plantadas.

Em campo foram construídos 4 canteiros no chão (Figura 1), um canteiro em forma de mandala (Figura 2) e 6 fileiras com uma horta vertical para facilitar o acesso aos idosos no processo de manejo da horta.

Figura 1: Construção dos Canteiros



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

Figura 2: Construção de Mandala



Fonte: Trabalho de Campo, 2017

Cabe destacar que os tratamentos de doenças e pragas que ocorreram na horta, foram realizados com base em princípio da agroecologia, a partir de avaliações agronômicas da equipe interdisciplinar que faz parte da ação de extensão, esta equipe, envolveu estudantes e professores de Agronomia, Agroecologia, Zootecnia e Sociologia.

A sementeira foi feita anteriormente nos espaços internos da UFRB e depois levada para a Instituição para o transplante das mudas nos canteiros e nas hortas verticais. No monitoramento quinzenal e mensal da horta seja no plantio, no manejo e na colheita foram momentos de integração de toda a equipe do projeto e dos internos do lar.

4 MEMÓRIAS E IDENTIDADES NO LAR DOS IDOSOS: A EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS

O trabalho de campo apontou que o abrigo atende atualmente 50 (cinquenta) internos com idade que varia entre 54 a 108 anos, de ambos os sexos, dentre os internos 40% vivem acamados e 60% de internos independentes, ou seja, que se locomovem com maior facilidade. A equipe da Instituição é composta por sete Técnicos de Enfermagem, três Cozinheiras, seis Higienizadores, quatro Lavadeiras, um vigilante, uma enfermeira, uma assistente social, um administrador, uma fisioterapeuta e um médico, segundo relatos de campo. A localidade possui uma boa estrutura física com área externa de aproximadamente 3000m², com jardim e algumas plantas medicinais, além das dependências internas para acomodação dos internos.

A Instituição destacou que tem como objetivo amparar o idoso carente de Cruz das Almas e região, procurando manter um serviço de qualidade, tendo como prioridade alcançar um dos principais objetivos do seu estatuto: oferecer aos internos um ambiente familiar, aconchegante, para que eles vivam um fim de vida com dignidade.

Os principais resultados alcançados com a ação deste projeto de extensão foram à construção da horta com uma diversidade de vegetais que teve a participação de alguns dos moradores do Lar dos Idosos, no acompanhamento do desenvolvimento da horta em todo o seu processo, sobretudo, no momento da colheita.

Os resultados apontaram também a importância da atividade como uma alternativa lúdica e terapêutica, mas, sobretudo, como um resgate de suas lembranças ao longo de sua história de vida, para aqueles que já tiveram alguma relação com produção de alimentos, sobretudo, àqueles que são oriundos da área rural. O campo apontou também, que, a produção gerada enriqueceu a

alimentação do lar através da complementação alimentar nutricional com verduras, legumes, hortaliças produzidas na horta, colhidas diretamente, e, portanto, frescas (Figura 3).

Figura 3: Produção direta da horta para a cozinha do Lar



Fonte: Trabalho de Campo, 2017

Cabe destacar que, os resultados apontaram ainda que os alimentos produzidos, as hortaliças, além de representar acesso ao consumo de alimentos livres de agroquímicos, que proporcionou segurança alimentar e nutricional aos internos e funcionários, retrataram ainda histórias de vidas dos internos, trazendo à tona sua identidade, as lembranças familiares, à memória de um tempo que desenvolvia atividades no campo, somado ao consumo vinculada à produção no local – no próprio abrigo revelaram lembranças do passado com fortes referências da sua identidade, muitas das quais pautadas em questões subjetivas e simbólicas.

Vale destacar que, na atividade de campo a relação com os internos (idosos) se deu de forma mais individualizada. Aqueles que tinham mais envolvimento e demonstravam maior interesse eram os que nasceram na área rural, ou tiveram alguma vivência durante sua vida no campo. Dentre os entrevistados dois são vindos da área rural e dois vieram da cidade. Os que afirmaram terem vindo da área rural declararam visitar com mais frequência à horta, e também participavam das atividades desenvolvidas como o manejo e a colheita dos produtos com a equipe do projeto (Figuras 4 e 5).



Figuras 4 e 5: Manejo e Colheita das hortaliças com a participação dos idosos

Fonte: Trabalho de campo, 2017

Quando questionados em relação às lembranças do campo, as respostas retrataram memórias dos alimentos da “época em que trabalhava na roça e plantava milho, feijão, amendoim e mandioca, todos para o consumo da família”.

Além disso, foi indagado aos internos se eles reconheciam as culturas ali plantadas, as respostas eram que sim, ressaltaram também sobre suas experiências vividas no campo, como trabalhador rural. Falavam sempre dos cultivos que tinham plantado e mencionaram sobre o clima com poucas chuvas, algo que, segundo relato, atrapalhava a atividade produtiva.

Foram questionados também quais alimentos plantados na horta eles mais gostavam de consumir, dentre as respostas destacam-se “gosto de alface, cenoura, porque são saborosas” “alface, beterraba, cenoura, porque é uma delícia”.

Uma das questões em campo abordou o que mais chamou atenção nas visitas à horta e as respostas apontaram que “a beterraba, quiabo, abobrinha, porque são alimentos saudáveis”; “o quiabo porque tem muita vitamina”; “o coentro, cebolinha porque estavam vistosos”.

Outra resposta apontou, no entanto, memórias de um passado familiar afirmando que: “a horta vertical (com garrafa PET) (Figura 6 e 7) foi o que mais chamou atenção, porque lembra de um passado do pai que colocava latinha com planta nas paredes”. As hortas verticais também

chamaram a atenção de outro interno quando o mesmo afirmou que “o que mais mim chamou atenção foi a horta vertical, pois remete ao passado quando tinha e plantava plantas no quintal de casa”.

Por outro lado, um dos entrevistados que não foi residente da área rural afirmou: “tudo chamou minha atenção, das pimentas plantadas, do quiabo, da fileira de alface, porque nunca tinha visto uma plantação de tanta verdura junta”

Figura 6 e 7: Produção e Colheita em Horta Vertical



Fonte: Trabalho de Campo, 2017

Em relação ao tipo de alimento produzido na horta que mais gostavam, 100% dos internos referiram-se a todos eles, de modo geral, mas um dos internos afirmou que “gosta da cenoura porque foi a que mais gostou de colher com a equipe”. E de modo geral, os internos apontaram a necessidade de inclusão de novas hortaliças e a participação deles com mais frequência na horta “seria ideal sempre participar regando a horta, como forma de ajudar no desenvolvimento da horta”



Assim, estes resultados apontaram que os internos e a equipe envolvida na ação constituem uma rede de relações de sociabilidade, de atividade produtiva que reconstróem o espaço, o território. Através de técnicas agrônômicas, saberes, lembranças e memórias, eles produzem uma territorialidade. Isto é, as práticas tradicionais estão mantidas e resistem ao tempo e às modificações do espaço, estão ali, não desapareceram como pode ser observado a partir dos relatos nas respostas dos idosos.

E nesse contexto, o trabalho apontou que, através do resgate e da busca pela valorização da identidade dos idosos, como no tempo em que viviam na roça, na atividade de plantar o alimento, e assim afirmando que a hortaliça tem representado elemento que vincula os espaços anteriores destes idosos e o hoje na vivencia no abrigo.

Assim, percebe-se que os hábitos alimentares das pessoas tendem a representar elementos que também se deslocam com estas e se reconfigura através de diversas ações (MACIEL, 2005).

Segundo as entrevistas com os responsáveis pela manipulação dos alimentos no Lar dos Idosos, estas afirmaram que a aceitação é boa por parte dos idosos, como as saladas mistas com cenoura e beterraba, couve com arroz, couve com feijão, alface com tomate.

Ressaltaram ainda que a horta ajudou muito no cardápio da cozinha, através do fornecimento de alimentos saudáveis, sem veneno, produtos diversificados e “fresquinhos”. Além disso, ocorreu economia para Instituição, pois os alimentos estavam disponíveis a todo o momento para serem usados pela cozinha, independente da presença da equipe do projeto para realizar a colheita. A produção das hortaliças foi muito boa que muitos dos funcionários levavam uma parte para suas casas. Dentre as hortaliças a rúcula foi à única que não teve boa aceitação para a maior parte dos idosos, ressaltou uma funcionária.

Algumas copeiras, funcionárias do abrigo, constantemente perguntavam à equipe acerca do manejo da horta como o tipo de adubo que estava sendo usado, sobre a variedade de algumas culturas como a alface roxa que elas não conheciam. Duas das copeiras inclusive pediram mudas desta variedade de alface para plantarem em suas casas.

Do ponto de vista dos bolsistas, os resultados da atividade do projeto de extensão foram importantes também para a contribuição na formação acadêmica e profissional dos envolvidos. Esta ação, portanto, possibilitou vivências interdisciplinares associadas ao ensino, pesquisa e extensão com geração e produção científica, pois, acredita-se que a pesquisa e a extensão universitária através do contato direto com a atividade prática proporcionaram ao aluno uma proximidade empírica dos problemas enfrentados pela atividade de produção em todas as suas etapas, desde ao planejamento das ações até o consumo dos alimentos, frutos das ações na horta.

Esta constatação trouxe implicações importantes para o sistema de ensino de formação acadêmica e profissional interdisciplinar interessada em atender as demandas da sociedade, neste caso específico, para o desenvolvimento de hortas em ambientes tão importantes para os que estão lá, como é o caso do Lar dos idosos, como espaço urbano, mas atribuídos de lembranças, das memórias de sua vida, familiares, de sua identidade.

E por outro lado, a necessidade de superar uma formação acadêmica e profissional ainda fragmentada e setORIZADA. Este também constitui um desafio para esta proposta, uma vez que os bolsistas tiveram a oportunidade de passar por várias etapas da produção, e também nas interações com os idosos que moram no Lar, como troca de experiências entre geração.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um espaço de diálogo interdisciplinar este projeto propôs realizar ações com foco em hortas em ambientes específicos, como no lar dos Idosos, buscando sua implantação, manutenção e acompanhamento, e, ao mesmo tempo, visou ampliar a formação dos estudantes envolvidos na ação, permitindo a sua atuação em espaços de produção, assim como a interação com os moradores do local.

E nesse sentido, a produção das hortaliças, geograficamente falando, deixou de estar limitada aos espaços rurais, para dar significado a outro território, o urbano, enquanto estratégia de produção de alimentos e consumo como resgate e manutenção da cultura dos internos, retratado através de suas lembranças, e partilhado no grupo através dos momentos de refeições.

Pode-se concluir ainda o qual é necessárias reflexões teóricas, a partir de ações na prática que preserve ou reconheça o *continuum* entre os espaços rurais e urbanos, e assim contribuir para o debate ainda persistente, em alguns espaços, sobre a problemática rural-urbana, e assim, buscar enquanto resultados a partir de novas dinâmicas e múltiplas funcionalidades a esses recortes territoriais e seus conteúdos, sua ressignificação.

E assim, vislumbrando a preservação e manutenção do conhecimento tradicional a partir de alimentos que retratam uma identidade cultural, indicando a relevância das memórias de um modo de vida e das lembranças como um patrimônio sociocultural a ser preservado através dos hábitos alimentares e de relações sociais.

As entrevistas apontaram as hortaliças como um elemento cultural, já que afirmaram consumir diariamente dos quais alguns participaram inclusive da colheita, atuando como um



procedimento de proteção contra a possibilidade de perder ou de esquecer a sua essência cultural, estabelecida também através do consumo destes alimentos.

REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. v.7, n.16, p. 01-10, 2001

MOTTA, A. B da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

SANTOS, GA.; VAZ, C. E. Grupos da terceira idade, interação e participação social. In ZANELLA, AV., et al., (Org). **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 333-346. ISBN: 978-85-99662-87-8. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 11/01/2018.

MACIEL, Maria Eunice. 2005. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A. M. e GARCIA, R. W. D. (Orgs.). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. p. 49-55.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Alimentos identitários: uma reflexão para além da cultura. **Geonordeste**, Ano XXIV, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1516>. Acesso em: 03/02/2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIGOTTI, Marcelo. Associação vida verde-viver. A cura pelas plantas. **Educação ambiental**. 2007.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de. SILVEIRA, M. L. (Orgs). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994. p.15-20.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SPIGOLOTTI, F. C.; GARUTTI, S. Desenvolvimento de horta na instituição centro de convivência João Paulo II em Maringá – PR. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 5, n. 1, p. 37-47, jan./abr. 2012 - ISSN 1983-1870.